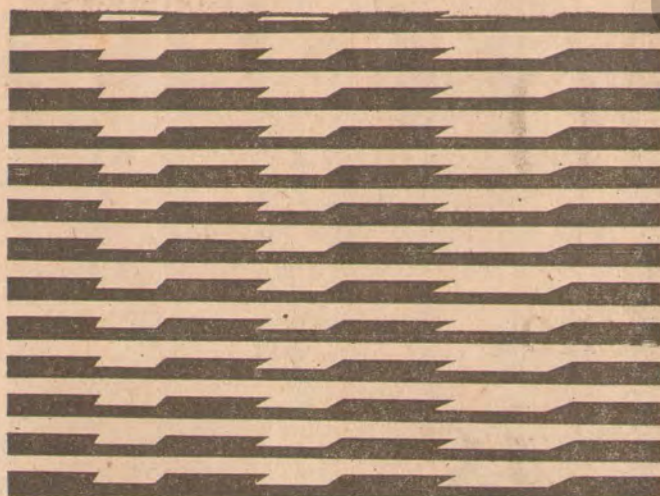


ARTES PLÁSTICAS | Roberto Pontual / DE UMA VIAGEM A NOVA IORQUE (final)



JESUS RAFAEL SOTO / Repetição e Progressão
cartão, esmalte e madeira / 1952
col. Museu de Arte Moderna Jesus Soto (Ciudad Bolívar)

JOAQUIM TORRES-GARCÍA / Grafismo Mágico
têmpera sobre cartão / 1938
col. Família Torres-García (Montevideu)



O SUL NO NORTE

“MINHAS ORIGENS DE LATINO-AMERICANO ERAM EVIDENTES E ISSO NUNCA ME PREOCUPOU. PELO CONTRÁRIO”

RP — Chegando aos EUA, como foram os primeiros tempos de relacionamento com o novo ambiente? E como ele evoluiu no período restante?

AHA — Chegar em Nova Iorque não é mole. Eu já conhecia a cidade de viagens anteriores, mas a perspectiva de passar um tempo maior altera a impressão inicial. Na verdade, minha intenção era ficar ali apenas uns três meses e rumar para a Europa. No entanto, isso foi mudando desde o princípio, pois recebi convite para integrar duas coletivas (Arte Latino-Americana Contemporânea, organizada pelo pintor colombiano Leonel Góngora na Universidade de Massachusetts, onde ele leciona, e Jovens Artistas 73, mostra internacional em Nova Iorque) e, logo em seguida, para uma individual na Lerner-Heller Gallery, que acabou não se realizando — o que foi melhor para mim, já que expus em fevereiro de 1974 na Lee Ault Gallery, em condições mais vantajosas. De certa forma, fiquei surpreso com o fato de que muitos artistas e críticos ligados à arte latino-americana já conhecessem o meu trabalho ou já tivessem ouvido falar nele. Acredito que isso decorreu de minhas várias participações em mostras coletivas no Chile, Argentina, Porto Rico e na Bienal de Medellín, bem como de minhas individuais em Buenos Aires, La Paz, México, Santiago do Chile e Washington. Isso divulgou meu trabalho e abriu portas em Nova Iorque.

uma pintura sensual semi-abstrata em grandes dimensões; o argentino Cesar Paternostro, com suas estruturas pintadas nas bordas da tela, contratado da Denise René; Julio Alpuy, uruguaio, discípulo de Torres-García; e mais o escultor uruguaio Fonseca, o pintor chileno Juan Gomez, o gravador venezuelano Bogarin (com estúdio de silk-screen) e o gravador peruano Juarez. Todos já há bastante tempo em Nova Iorque, estabelecidos em caráter razoavelmente definitivo. E outros que agora não lembro.

RP — Há receptividade por parte dos norte-americanos para com a arte produzida diretamente na América Latina ou por latino-americanos que ali estejam vivendo?

AHA — A arte produzida na América Latina e exposta por aqui não existe para os EUA. O público norte-americano interessa-se e toma conhecimento do que acontece lá mesmo e em alguns centros europeus. São bastante regionalistas, à moda deles, e têm um visível preconceito em relação às manifestações culturais da América Latina. Quando cheguei, fui de slides debaixo do braço tentando mostrar a galerias e museus o que eu fazia. Mais de uma vez me disseram, sem ver os slides: “Só trabalhamos com artistas norte-americanos e europeus!” Mas, se o artista se estabelece por lá, monta estúdio, trabalha, insiste, persiste em mostrar seu trabalho, pode ao final acontecer alguma coisa. É necessário a intenção de permane-

cionais urbanas do nosso século, que, misturadas à ilogicidade de nossas emoções, constitui uma das experiências fundamentais da época. Para mim, isto foi muito importante. Não procurei conviver com brasileiro; pelo contrário, convivi mais com hispano e norte-americano, o que me pareceu mais enriquecedor e gratificante.

RP — Quais os latino-americanos de maior trânsito local?

AHA — Matta Echaurren, pintor chileno, considerado norte-americano por ser hoje cidadão dos EUA; Fernando Botero, colombiano, exclusivo da Marlborough; Tamayo, Cuevas, Torres-García (agora com enorme prestígio), Marisol, Bonevardi, Negret, Morales, Maria Luisa Pacheco. Sérgio de Camargo é conhecido, mas não muito, pois expõe com maior frequência na Europa. Soto, Le Parc e Wilfredo Lam, surrealista cubano, têm o seu público. Para você ser visto, conhecido, demora; é bem diferente daqui, onde com uma ou duas exposições o artista vira celebridade. Lá, o artista é testado, observado, antes de virar estrela.

RP — Crê que seja útil para o artista latino-americano essa vivência direta e prolongada de um ambiente tão distinto do seu de origem?

AHA — Acho da maior importância. Depende, é claro, do temperamento e das intenções do cara. Mas, de qualquer forma, sair desse ambiente pequeno e fechado, dessa atmosfera